

acometido, acompanhado de aumento de temperatura local e sensibilidade. Ambos os animais apresentavam claudicação, grau 3, segundo Desrochers et al. Os animais foram radiografados previamente a cirurgia e 60 dias após o procedimento. A técnica empregada em ambos os bovinos, foi a artrotomia e osteotomia, descrita por Desrochers et al. A avaliação clínica após 60 dias, evidenciou ausência de claudicação e de sinais inflamatórios locais. O exame radiográfico revelou calcificação da articulação interfalângica distal, permitindo a formação de anquilose. A antibioticoterapia foi de fundamental importância para o sucesso do tratamento, aliando-se a retirada do material necrótico articular durante o procedimento cirúrgico. A técnica de artrotomia e osteotomia utilizada resultou na anquilose e cura da osteoartrite séptica interfalângica, possibilitando ainda preservar os dígitos dos bovinos estudados.

## **Tenoscopia em cavalos com tenossinovite digital séptica ou não séptica: relato de 33 casos (1997-2001)**

Lopes, M.A.F.<sup>1</sup>;  
Sullins, K.E.<sup>2</sup>

1- Departamento de Veterinária - Universidade Federal de Viçosa – MG  
2- Marion duPont Scott Equine Medical Center, Virginia-Maryland Regional College of Veterinary Medicine, Leesburg, USA

A tenoscopia consiste na inspeção e intervenção cirúrgica da bainha sinovial de um tendão através de técnicas artroscópicas. A inflamação das bainhas dos tendões flexores digitais é relativamente comum em eqüinos. Os animais acometidos podem ter claudicação grave que pode não se resolver mesmo com o tratamento adequado. O uso de técnicas de artroscopia para o diagnóstico e tratamento das tenossinovites digitais em eqüinos foi descrito há mais de 10 anos, mas, até hoje, poucos casos foram relatados. Uma série de 25 casos de tenossinovite digital não séptica em eqüinos submetidos à tenoscopia foi publicada, mas só quatro casos de tenossinovite digital séptica tratada com essa técnica foram relatados. O objetivo desse artigo é relatar o uso da tenoscopia em 17 cavalos com tenossinovite digital não séptica e 16 cavalos com tenossinovite digital séptica. Foi feito um estudo retrospectivo de casos atendidos no período de 1 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2001 em que a tenoscopia tinha sido utilizada para o diagnóstico e tratamento da tenossinovite digital. As fichas clínicas foram analisadas e os proprietários foram entrevistados por telefone ou por carta no período de 1 de janeiro a 30 de junho de 2002. Foi feito um estudo descritivo das técnicas de tenoscopia utilizadas bem como das variáveis clínicas e laboratoriais. Fizeram-se também comparações entre os casos sépticos e não sépticos e entre os eqüinos que retornaram e os que não retornaram às atividades físicas depois do tratamento. As variáveis contínuas foram analisadas com o teste de Mann-Whitney e as variáveis classificatórias e contagens, com o teste exato de Fisher. Eqüinos de várias raças utilizados para cavalgada, adestramento, salto e corrida com idades entre quatro e 25 anos foram incluídos no estudo. Com base na história, nos sinais clínicos, nos exames laboratoriais e na inspeção da bainha do tendão através da tenoscopia, 17 casos foram classificados como não sépticos e 16 casos, como sépticos. Em todos os casos, optou-se por não deixar drenos após a tenoscopia. Embora em outros estudos o emprego de drenos no tratamento de tenossinovite séptica tenha sido benéfico na série de casos relatadas no presente trabalho, os cirurgiões consideraram que a lavagem e o desbridamento da bainha do tendão durante a tenoscopia eram suficientes. Antes da cirurgia, os eqüinos com tenossinovite não séptica tinham menos inflamação demonstrada pela claudicação menos evidente, pelo menor número de leucócitos no sangue e pela menor concentração de fibrinogênio plasmático. Além disso, nos casos não sépticos,

o período entre o início dos sinais clínicos e a tenoscopia foi maior, a duração do tratamento pós-operatório com fenilbutazona foi menor e a o período de hospitalização foi menor. Informações sobre o resultado final foram obtidas em 32 casos: cinco equínos foram sacrificados (quatro casos sépticos), oito não puderam mais ser montados (quatro casos sépticos), sete puderam ser usados num nível mais baixo (um caso séptico) e 11 (seis casos sépticos) puderam ser usados para o mesmo nível de atividade. Nenhuma diferença foi detectada quando se comparou o grupo de equínos que retornaram e o grupo dos que não retornaram ao nível de atividade física anterior à tenossinovite. Em concordância com o que foi observado por outros, os resultados dessa série de casos indicam que as tenossinovites digitais sépticas ou não sépticas são condições graves e o prognóstico para o retorno às atividades físicas é reservado. Também foi demonstrado que a tenoscopia é muito útil para o diagnóstico e tratamento das tenossinovites sépticas e não sépticas. O fato de os sinais clínicos serem menos pronunciados nos casos de tenossinovite não séptica pode contribuir para que nesses casos o tratamento seja iniciado mais tardiamente, o que pode afetar negativamente o prognóstico.

## Uso da cartilagem auricular bovina conservada em glicerina a 98% como implante heterólogo na hernioplastia umbilical de ovino

Rabelo, R.E.<sup>1</sup>;  
Fernandes, J.J.R.<sup>1</sup>;  
Lima, C.R.O.<sup>1</sup>;  
Viu, M.A.O.<sup>1</sup>;  
Silva, L.A.F.<sup>2</sup>;  
Romani, A.F.<sup>1</sup>;  
Sant'Ana, F.J.F.<sup>1</sup>;  
Damasceno, A.D.<sup>2</sup>;  
Alves, C.B.<sup>3</sup>;  
Lima, G.F.<sup>1</sup>

1- Campus Avançado de Jataí - Universidade Federal de Goiás - GO  
2- Escola de Veterinária - Universidade Federal de Goiás - GO  
3- Médica Veterinária Autônoma

As hérnias umbilicais interferem no desenvolvimento dos animais, diminuindo seu valor comercial e até mesmo ocasionando óbitos. Os procedimentos cirúrgicos reconstrutivos dessa enfermidade dependem de tecido íntegro para aproximar as estruturas a serem suturadas, que podem resultar em elevada tensão de sutura e complicações pós-operatórias. Estes inconvenientes podem ser amenizados por meio de implantes biológicos. Este estudo objetivou relatar um caso de hernioplastia umbilical em um ovino mestiço utilizando cartilagem auricular bovina. Utilizou-se um ovino mestiço (Santa Inês X Suffolk), com idade de 18 meses, 40 kg de peso corporal, portador de hérnia umbilical. Na reconstituição do anel herniário, empregou-se cartilagem auricular bovina processada e conservada por trinta dias em glicerina a 98%. Após jejum, tranquilização e antisepsia, efetuou-se anestesia local conforme preconizado por Silva et al. Hidratou-se a cartilagem auricular, antes de sua implantação, com solução de cloreto de sódio a 0,9% por 10 minutos. Após a retirada do saco herniário, aplicou-se quatro pontos tipo Donatti com fio de poliamida número 1 para sobreposição da cartilagem sobre o anel herniário. Seguiu-se a justaposição do implante com sutura contínua, ancorada na fáscia do músculo reto abdominal, com mesmo tipo de fio. Realizou-se a redução do espaço morto com fio absorvível n° 1 em padrão Cushing e dermorrafia com fio de poliamida n° 1 em padrão separado simples. No pós-operatório, utilizou-se penicilina G benzatina (30.000UI/kg, IM) a cada 48 horas, perfazendo cinco aplicações e, na ferida, pomada cicatrizante até completa cicatrização clínica. A remoção dos pontos ocorreu no 13° dia após a intervenção cirúrgica. Durante todo o período de avaliação pós-operatória observou-se somente nos primeiros sete dias discreto edema e hiperemia na região periférica à área de implantação. A cicatrização clínica da ferida cirúrgica ocorreu no 14° dia após o procedimento cirúrgico. Bracciali et al. utilizando a cartilagem auricular bovina conservada em glicerina a 98% como bioimplante heterólogo em cães, observaram um processo inflamatório moderado nos